AGRADE IME T S

ñDe manh« na aldeia

a passarada anuncia

o cajueiro em florò

(Gra-a Gra¼na)

RESUMO

Iniciativas de produ-«o audiovisual por realizador

ABSTRACT

Audiovisual prod

SUMÁRIO

Introdução **Z** **Z** **Z** **Z** **Z** **Z** **Z** **Z** **Z**

Introdução

Desde o in²cio da coloniza-«o europeia, o apagamento das mem·rias, hist·rias e cultura ind²genas no Pa²s sempre foi bastante for

sociedades ind²genas

acessibilidade a uma vis«o mais complexa e heterog°nea das diversas culturas ¨s vezes t«o pr·ximas, mas invisibilizadas.

Capítulo 1 – As diferentes dimensões da colonialidade no Nordeste brasileiro

Neste cap²tulo, nos propomos a explorar as diferentes dimens»es

abrangendo tanto a emerg®"

A pol²tica 4e 3oloniza-«o e expans«o territorial no Brasil que data 4esde o s®

Isso porque, por essa concep-«o, o que legitima o direito ¨ propriedade seria o trabalho produtivo.

A viol°ncia da coloniza-«o pode ser

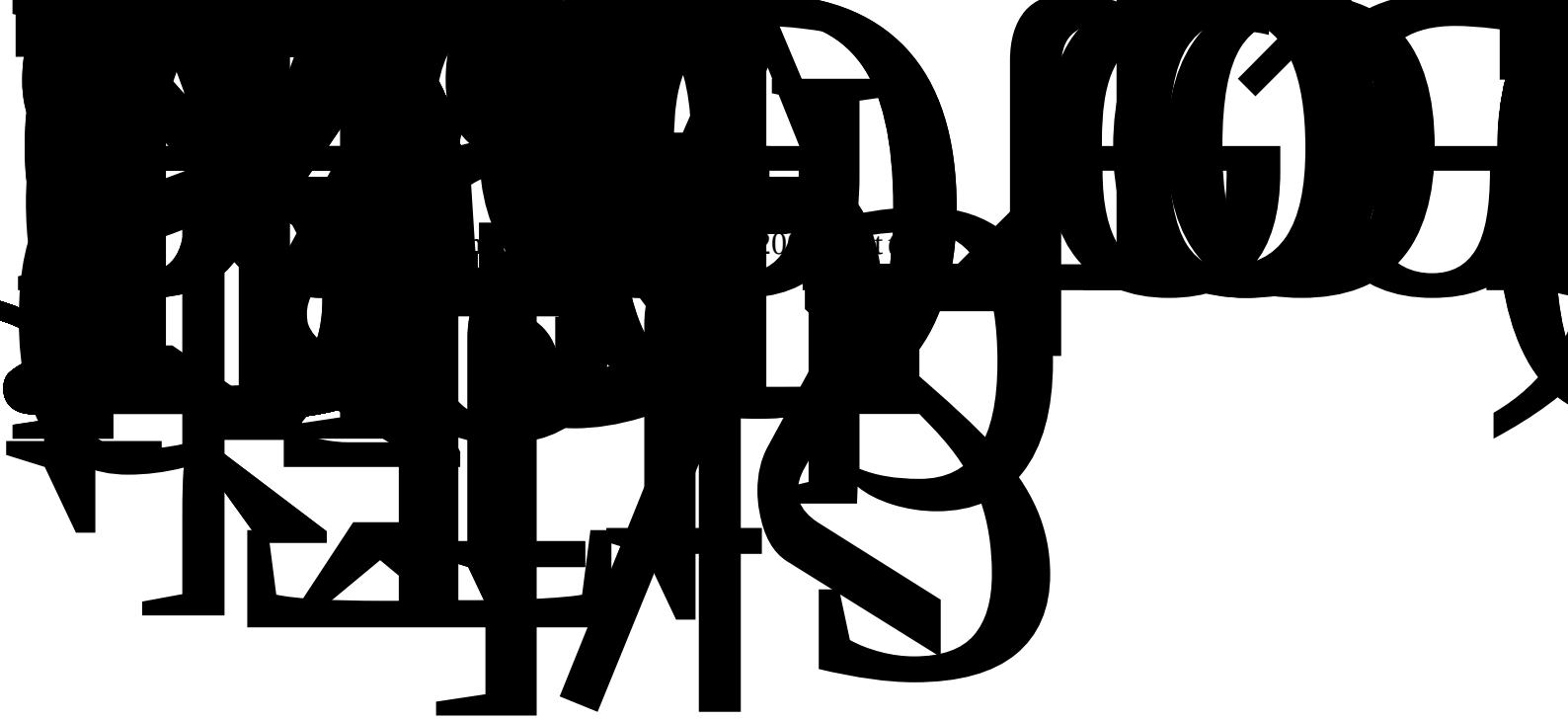
usto, 06). Nes ecim os as, s modos d
r e identidade ®

grupos. Alega-»es de que ñn«o s«o ²ndiosò, que

Quijano (2005) exp»e que,

incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burgu°s, colono, moderno foi transformado em sujeito/agente, pr·prio

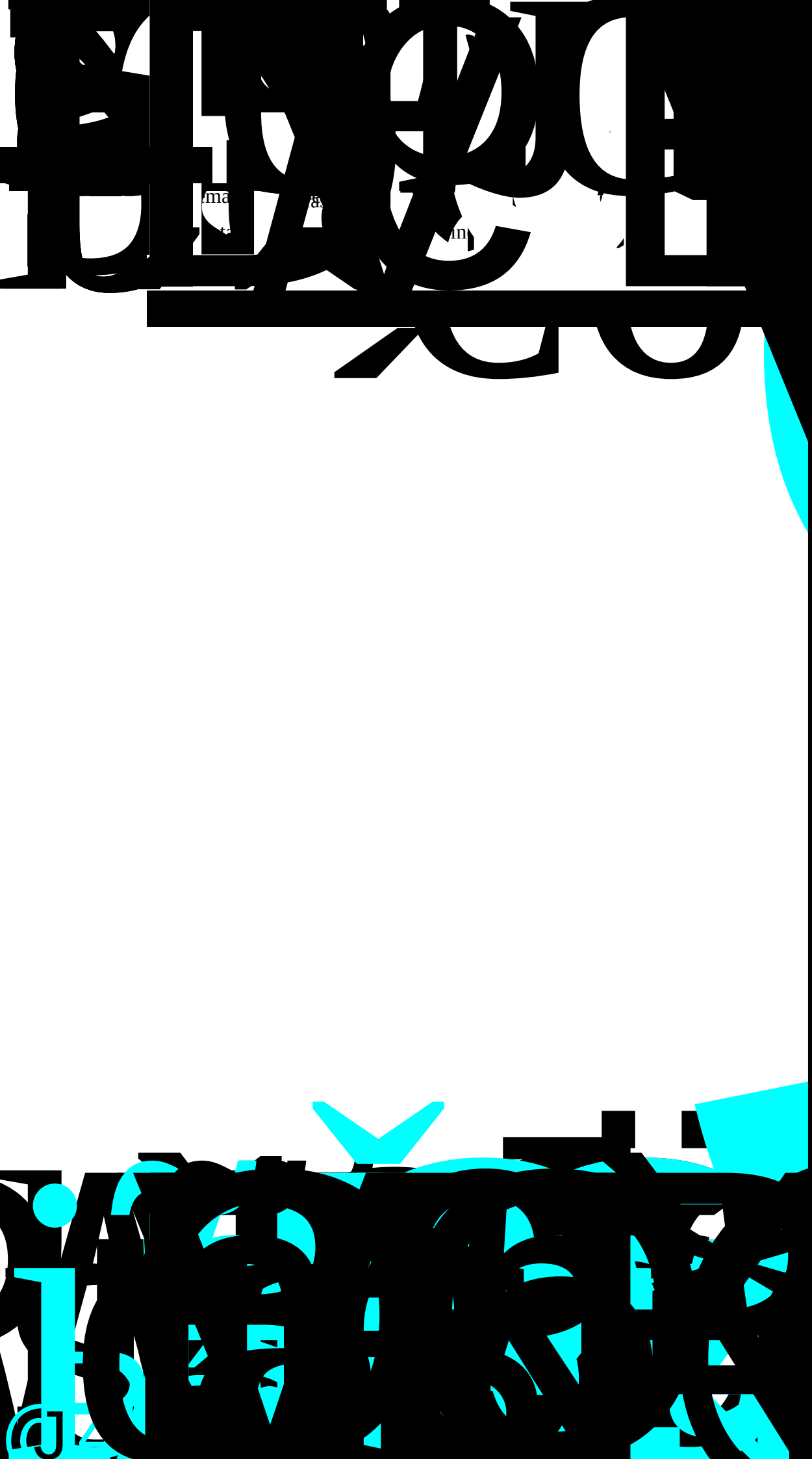
2006, p. 21). Essa concep-«o e forma pr§t



O estranho ® que mesmo pensando ter chegado ¨s ĉndias, logo denominaram essa terra de Monte Pascoal. Ao perceber que n«o era um monte, chamaram-na Terra de Vera Cruz, Terra de

mal-intencionada, uma

estendem em



aqui

At® ent«o, nos t·

Durante quase cinco s®culos, os

n«o foi lograda e, nas d®cadas seguintes, outros postos ind²genas foram implantados pela regi«o. Na maioria desses casos, houve a demarca-«o das terras, destinadas ¨s popula-»es atendidas.

Oliveira (1998, p. 59) frisa que:

> Em linhas gerais, esse processo de territorializa-«o trouxa -i

[...

urbano surgiu a partir de uma doa-«o dos ind²genas, ap·s negocia-»es, de aproximadamente oitenta hectares de terra para a Igreja Matriz de N

convivem cotidianamente, e para definir uma ideologia ®tnica

pr§ticas que j§ n«o fazem parte do cotidiano de sua vida social, como a divis«o cl©nica, os nomes cl©nicos, a cerim¹nia do casamento tradicional

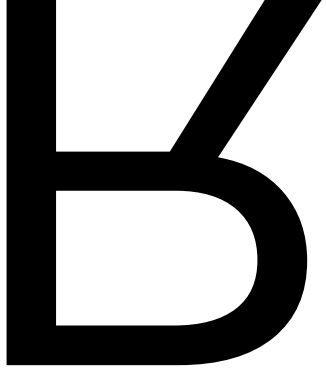
do nosso povo, e tamb®m considera tamb®m.[12]

Rosana Fulni-¹ conta que tamb®m participa desde beb°, mas seu pai, como foi introduzido aos treze anos, precisou ser aceito pelas lideran

p. 61).

Ademais, o Ouricuri tem outras fun-»es e cons

]a



é onde a gente t§ agora no momento, l§ no Ouricuri. [...]a

contempor©neas ¨quela do etn·grafo, da qual participam median

sarnaqapxañani[26] (C

ent «o, a uma transforma-«o da ideia e ¨ decoloniza-«o. Sugere, ainda, que tal pr§tica ® t«o
velha como xµe ƛr v

Jo«o Paulo Fulni-[1] refere-se aos saberes do colonizado como ñamor e conhecimentoò:

E

com Ouricuri, a cat·lica l§ n«o chega.[35]

Com rela-«o ¨ movimenta-«o pr§tica no dia hica ƜƤ Ɲo

A depen

O mais importante do nosso povo que voc° tem que saber ® que n·s pass

detalhe muito importante, era bom que todo mundo prestasse

O

corresponde a um aumento de 88,82% em doze anos. Ou seja, nesse intervalo, a popula-«o ind²gena quase dobrou, enquanto o crescimento do total da popula-«o foi de 6,5%.

Muitos fatores contribu²ram para o referido crescimento nos dados. Primeiramente, deve ser ressaltado que ocorreu

resist°nc

Sim, o coletivo foi assim, basicament

O filme document§rio tornou-se arena para o debate pol²tic

participativa e sim®trica, a ñantropologia compartilhadaò. Desse modo, aos poucos os filmes etnogr§ficos procuram abandonar atitudes colonialistas de determinar ñverdadesò e falar pelo outro.

Entre os m¼ltiplos projetos e iniciativas no Brasil, pode-se citar o pioneirismo de Andrea Tonacci e seu filme *Conversas no Maranhão* (1977), com a participa-«o de ind²genas Canela na produ-«o e filmagem, e tam ®m sua tentativa frustrada do projeto ñInter Povosò,

Depois do ²ndio idealizado da era do cinema mudo ĩdio positivist objetifica do Î A
dos document

apoiam esses projetos por enxergarem neles uma nova ferramenta de luta.

Com rela-«o ao movimento na Am®rica Latina,

Com base em suas experi°ncias no projeto, Gallois e Carelli (1995) perceberam que os ind²genas utilizavam seus registros principalmente para

nossos povos, pois se mostra como um espa-o capaz

de Cinema de Ouro Preto.

A Mostra de Cinema Ind²gena da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)/Unidade Acad°mica de Serra Talhada (UAST), da qual participei como parte de meu trabalho de camo

possibilidade de registrar a linguagem desses povos em v²deo e §udi

se como [illegible] na representa-«

estere·ti[illegible]ma [illegible] fu[illegible] ind²genas.

£ inte[illegible]perce[illegible]nos dad[illegible] conversa[illegible] HugA ℵp ¹, ọ m" -o dm" d

que

gente tem ® dia de segunda-feira, mas, assim, com mais tempoò. A², ela escreveu. O nome dela ® Karine, o nome dela ® Karine. Ela mora em S«o Jos® do

n«o conheciam. A gente foi abrindo essas veredas e a gente n«o sabia aonaàabiõ

Capítulo 3 – Entre estradas e trilhas: condições de pesquisa e procedimentos metodológicos de investigação e análise

A [illegible] ª, [illegible] segundo [illegible] ram es[illegible]idas [illegible] es esp] ²ficas para uma [illegible]se mais ap[illegible]ndada, com enfo[illegible]ior no[illegible]lmes [illegible]em festivais, por j§ serem [illegible]a prºsele- [illegible]elo colet[illegible]z«o da [illegible]ra eqa [illegible]x! para o povo Fxn- [illegible]xse um

(Vanoye; Goliot-L®t®, 1994, p. 15).

E,

3.2. Relato de experiência

Um estudo como este, que questiona o padr«o euroc

relative pronoun ϫⲉ ⲉⲧⲉ ⲉⲧⲉⲣⲁⲓ t

poderiam

Carp5s *5t 1*⩽(2022, p. 02), 1o tr1tar so2r5 os r5f5ri

Meu puerp

Mas, se trouxe dificuldades, o contexto pand°mico tamb®m favoreceu algumas coisas. Hugo Fulni-¹ foi convidado para lecionar em dois minicursos remotos justamente no per²odo deueo T

des

ci«os que foram inspira-«o para alguns dos filmes e ouvir um pouco de

Retornei ao B

lo ntar, utura era-»es,

erna, os

forma de viver em dois mundos, resistindo na manuten-«o da l²ngua, da cultura e de s

			de riqueza da Terra Seca.
Oowa Yatxtxo 2	2019	41min	[redacted]

patrim¹nio de

o cotidiano do ind²

Yaathe [illegible] per M[illegible]ia

Na ¾ [illegible]lha ®os lîs [illegible] M[illegible] pr Ind]mto, [illegible]tonis [illegible] por }h ®m ¾ [illegible]ther tr s obrs ®e mmntos [illegible]®ios no îtـ·hـ ®o [illegible]aletiـ. A Miـ [illegible] prـu -«o s[illegible]ad] Îþ o Mـeiـ *Yonhale* [illegible] *éos Flniـ ô* (013, [illegible] [illegible] "

Capítulo 4 – Análise fílmica

Neste cap²tulo,

Imagem 1.1 ï Abertura

Fonte: *Yoonahle – a palavra dos Fulni-ô* (2013)

Imagem m

Imagem 1.9 ï Ćguas Belas

Fonte:

Fonte: *Yoonahle – a palavra dos Fulni-ô* (2013)

Na cena seguinte, Tï § caminha com sua bicicleta e uma bolsa a tiracolo por uma pl uena estrada terra com árvores e montanhas

Ffig 1. Llun o'r Collfaith

Txhlek§ reaparece na cena seguinte, andando de bicicleta pela cidade, com forte barulho de carro de som ao fundo. Retorna com a colheita do dia. Ao chegar em casa, toma um banho de balde.

1 quintal

Isso aqui foi que nos criou. Foi o que os nossos antep] p

Fonte: *Xonahle – a palavra dos Fulni-ô* (2013)

Xvas Acenas do document§rio da Funai exibido no in²cio do filme passam a ser mostradas, tratando da hist·ria dos povos ind²genas do Nordeste, com imagens de fotos antigas, v²deos de crian-as dan-ando e cenas de ind genas Fulni-¹ fazendo pinturas corporais ¨ beira do rio. Fala-se, ainda, da l²ngua Yaathe, da terra ind²gena Fulni-¹ e do ritual Ouricuri, com uma m¼sica tensa de mist® ao fundo.

Imagem 1.20 Imagens 5gen

Imagem 1.22 ï N

[illegible]ma motoò[81]. Olha para sua esposa e fala: ñSuba, pra gente ir pro Ouricuriò. [illegible]utra motocicle[illegible] tamb®m carregando bagagens. O casal segue no mesmo caminho.

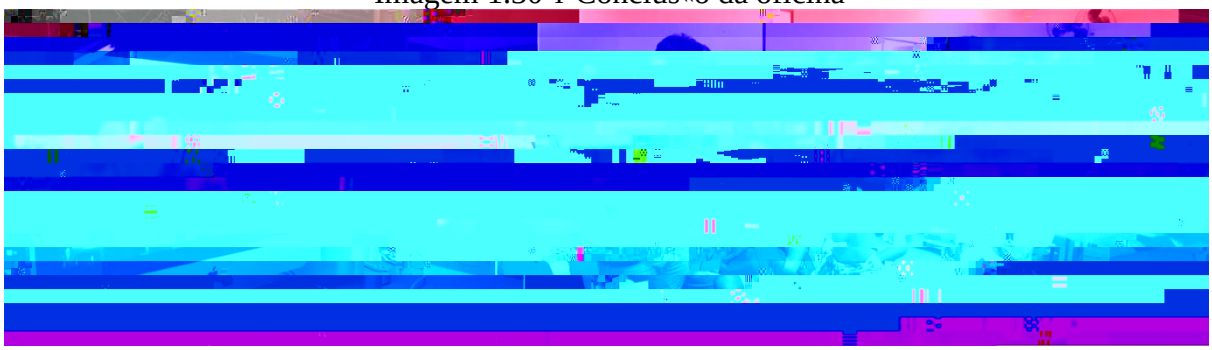
Imagem 1.24 ï Bagagem para o Ouricuri

Fonte: *Yoonahle – a palavra dos Fulni-ô* (2013)

A tela fica preta. A m¼sica do document§rio da [illegible]

Djik pegunta as ac «os da cmunidade s ee cncrdam cm a inicativa Teeza ® a primera aDre onde ñEu

Imagem 1.30 ï Conclus«o da oficina



Fonte: *Yoonahle – a pa*

e[illegible]ctador n«o F[illegible]¹ a se[illegible]o assi[illegible]indo a uma produ-«o estrangeira. Os sons e o[illegible]no da fa[illegible]mpactam co[illegible]maior for-a, gerando /Ďa× im«ersem /Ďa× As po[illegible]s falas e[illegible]ortugu°s par¾cem r§pidos despertaosfen[illegible]g₀ª Por

> o meu c[illegible]o de amizade percebeu.

Do mesmo modo, p[illegible]eriu [illegible]st]-se qu] do outros a[illegible]igos d[illegible]1]a[illegible] apoio a pol²ticos que expressamente eram contra direitos ind²genas:

> Ent«o, assim, ® como o ditado diz: ñquem ® amigo de meu inimigo n«o ® meu amigoò. [...] E eu andando naquele ambiente é [illegible]

O

segunda l²ngua é T«o pr·ximo, e voc° n

ñDesse temp

vis« e

conhecimento, sabedoria do povo. Ele veio a falecer ano passado, n®? A², em 2013 a gente fez uma filmagem com eleò[101].

J§ no tocante aos aspectos da vida cotidiana, -»es e desafios enf2entados pela comunidade, o filme oferece uma o îtiıma aœt=

Por outro lado, como j§ dito aqui, esta primeira produ-«o foi o resultado de uma of

A gente ® fruto do V²deo nas A

4.2. *Guardi»es de um Tesouro Lingu²stico*

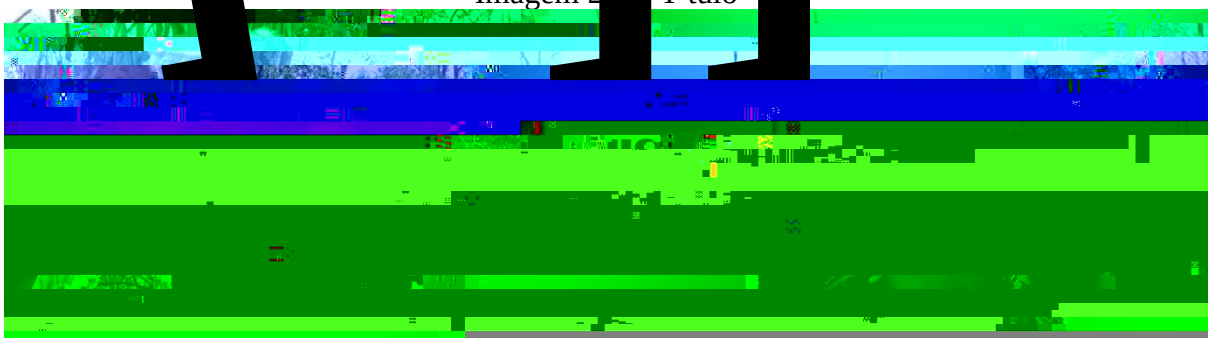
Ficha t

Enre as produ-»es do Coevo, h§ amb ®m o fme

(2019), produo da dera -«o de merado de Hugo F2

PREPOST

Imagem 2 T²tulo



Fonte: *Guardiões*

Imagen

Fonte: *Guardiões de um Tesouro Linguístico* (2019)

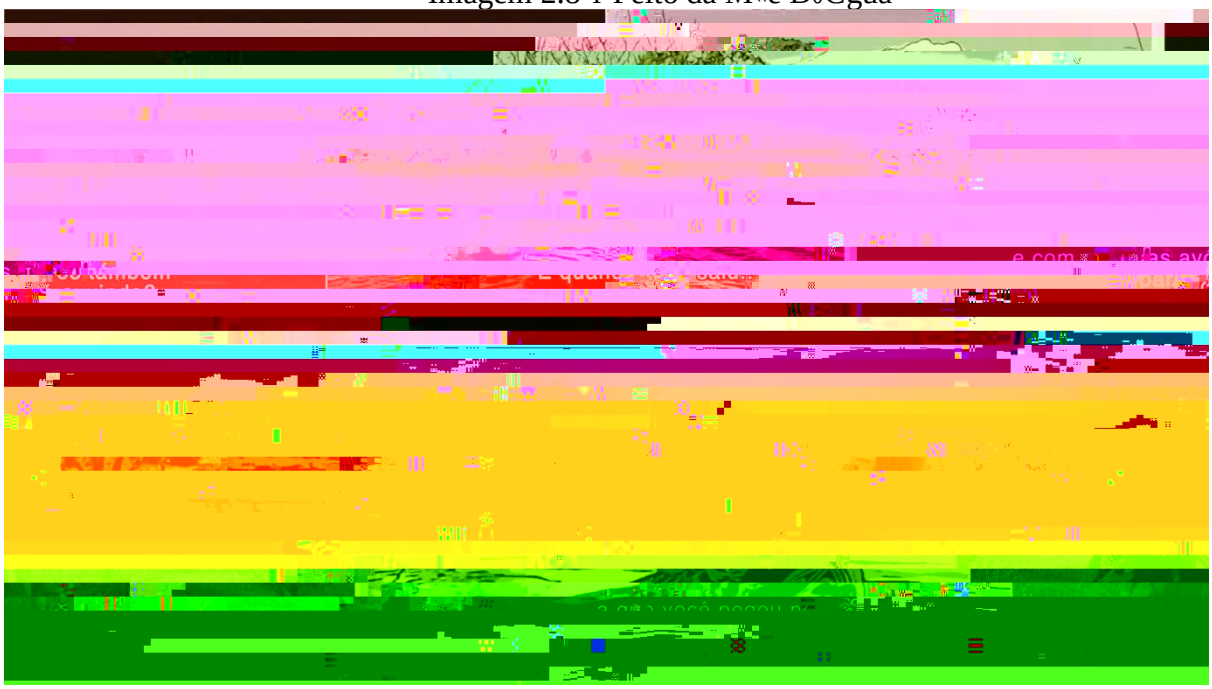
Por fim, j§ ® dia e surge novamente o homem: agora filmado em outros ©ngulos, de frente, de perfil e tamb®m a partir de baixo, com o ru²do de correnteza de §gua ao fundo. Uma mulher est§ dentro de um rio, com pinturas pretas de jenipapo ou carv«o pelo corpo e vestes feitas com folhas s

Imagem 2.6 ï Encontro com a M«e DôĆgua

Fonte

Imagem 2.7 ï Hist·rias de Abd

Imagem 2.8 ï Peito da M«e DôĆgua



Fonte: *Guardiões de um Tesouro Linguísmo* (2019)

A terceira entrevista é Rita Maria de Matos, que conta da sua infância pobre, em que não havia comida e as casas p

Imagem 2.9 ï Hist·rias de

trabalhando com audiovisual no cinema ind²gena. A² eu peguei esse material e trouxe para o cinema, n®?

sobre a iniciativa de o povo trabalhar com

mais profundo. Traz ¨ tona possibilidades concretas de

de Krenak e enfatiza a importÊncia de entender a pal ind²gena sem a l nte do col nizador. Durante sua Êntrevista, Ûhama Çten-«o quando revel

A^2 eu vej

e da identida

linguagem, capaz de reatualizar a mem·ria da experi°ncia como um todo indissol¼vel, no qual se fundem os sentidos corporais e mentais.

Imagem 3.2 ï O sonho

Fonte: *Xixiá, mestre dos cânticos Fulni-ô* (2022)

Ćrvores balan-am ao vento, com sons de chuva. Rel©mpagos aparecem no c E aos raios, surge um homem que usa um colar e segura uma esp de bast«o o O homem diz para o rapaz: ñVire-se!ò. Ao olhar, o jovem se assusta, mas espera o que o senhor vai lhe falar. Voltam as imagens de Xixiá dessa

Im em 8 Tante

agem ï O Yaathe sabe onde est§

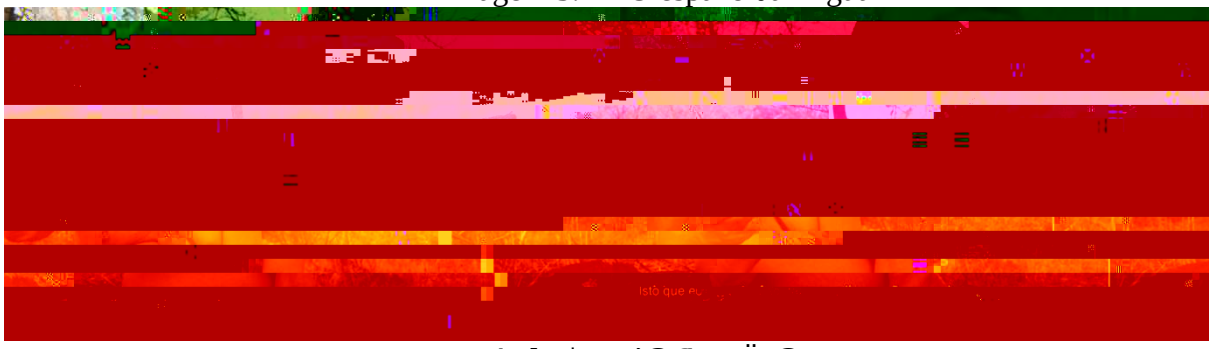
Fonte: *Xixi " , a*

)

Imagem 3.6 ï Cura

Fonte: *Xixiá, mestre dos cânticos Fulni-ô* (2022)

Imagem 3.7 ï O espa-o da l²ngua



Fonte: *Xixiá, mestre dos cânticos* [$ÿ(@Qnvïïs@

Imagem 3.9 ï Orem com o Grande Esp²ritv א

Imagem 3.11 ï Na Lagoa

Imagem 3.13 ï C®u, lua, estrelas, mar, §g

na verdade. El ® كِ

Co po erm eja

ior imaginado por Hugo para a parte fic p d elaborad oncretizado. s

m -»es foram feitas no espa-o da Aldeia Cult do lbania Z ia, organizado r

Ediran =lni O filh de s, ·, =ram

re araṃ

Ao assistir a essa podu -«o em am ²lia, inclusive, meu ilho Amao, com tr°s anos, peguntou logo no in²cio: ñTodsas»indsaÓ«sse ilme ® ind²gena?ò[37] , ao que eu espondi aimativamente. A cada nova cena, na pate iccional, ele peguntava epetidamente: ñE

Quando eu sugeri qi

Conforme po45 s5r o2s5rva4o nas Im175ns 3.2., 3.3. 5 3.4., o mesmo filtro ® u

Imagem

peer.ufu.br/index.php/Educa]ðf
cinema?. Educa-«o e Filosofia, Uberl©ndia (MG), v. 27, n. 54, p. 477-502, jul./dez. 2013. Dispon²vel em: <https://

[redacted]

Paula Manuella Silva de. [org.]. **Conexão Pindorama**: reflex»es sobre a lei 11

YOONAHLE ï a p

http://www.conexaopindorama.com.br